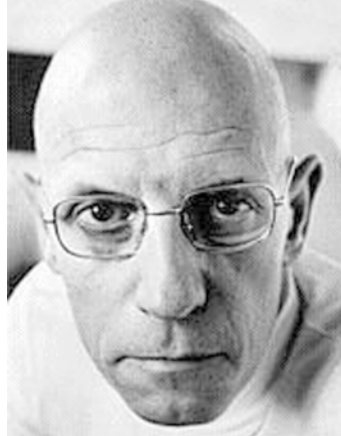


# Um estilo de vida

(sobre “*Introdução à vida não-fascista*”,  
de Michel Foucault)



Miguel Jost Ramos\*

\* Mestrando em Literatura, PUC-Rio.

Neste prefácio ao livro *Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, Foucault alerta sobre o perigo de lermos este livro como uma “nova referência teórica... essa que é absolutamente totalizante e tranqüilizadora, essa, nos afirmam, ‘de que tanto precisamos’”<sup>1</sup>. Foucault questiona como poderíamos então falar *com* estes autores, ou melhor, através deles, recusando uma relação entre prática e teoria constituída pela noção de aplicabilidade.

Ele mesmo responde: “Ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensar e de vida”<sup>2</sup>. Não há verdade a ser desvendada. Não há A teoria para ser aplicada. A totalização é uma característica do poder e da repressão, como aprendemos em seus livros. A resistência se processa na multiplicidade. Cada um a inicia a partir de sua condição de afetado por este poder que percorre linhas tênues e insidiosas com a mesma perversidade que o pensamento marxista já apontava nas formas flagrantes da exploração capitalista-industrial.

<sup>1</sup> In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV.

<sup>2</sup> IDEM, *ibidem*.

Na entrevista “Os intelectuais e o poder - conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”<sup>3</sup>, realizada em 1972 (meses antes do lançamento de *Anti-Édipo*), Deleuze resume de forma clara como seria essa nova relação entre pensamento e ação política:

*“Para nós, o intelectual teórico deixou de ser um sujeito, uma consciência representante ou representativa. Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles. Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede.”*<sup>4</sup>

Se estes pontos nos soam hoje como lugar comum da contribuição das chamadas teorias pós-estruturalistas ao pensamento ocidental, há urgência de se colocar uma questão: como textos de mais de trinta anos, como o prefácio “Introdução à vida não-fascista” ou a entrevista citada acima, permanecem afirmando sua vitalidade hoje? É necessário refletirmos sobre o quanto conseguimos avançar em nossas estratégias de luta, o quanto nossa ação teórica ou prática se intensificou diante a multiplicação das zonas onde os combates de uma política microfísica se realizam.

Vejamos um exemplo de fácil localização: em 1972, Deleuze já apontava uma intensificação de métodos de repressão aos jovens franceses. Podemos observar algo semelhante no processo crescente de criminalização da juventude que ocorre no Rio de Janeiro, hoje. Guardadas as devidas proporções (e que proporções caóticas!!) de forma e violência, o Estado reprime tanto o jovem *funkeiro* das favelas e periferias, quanto o jovem de classe média alta das festas *rave*<sup>5</sup> ou das rodas de samba. Há um esforço claro para reduzir as possibilidades de intervenção destes no espaço público, mantendo

---

<sup>4</sup> *IDEM*. pp. 70.

<sup>4</sup> *IDEM*. pp. 70.

<sup>5</sup> Hoje em dia, este formato de festa foi estritamente proibido pelas autoridades públicas do Rio de Janeiro.

um controle moral-disciplinar mais favorável ao sistema econômico, político e social vigente.

Omitir-se nesse debate ou esconder-se dele por trás do monopólio autoritário do pensamento acadêmico ou das práticas políticas burocratas-institucionais é se juntar àqueles que Foucault nos apresenta como um dos três principais adversários de *Anti-Édipo*:

*“Os ascetas políticos, os militantes sombrios, os terroristas da teoria, esses que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da verdade”*<sup>6</sup>.

Mas há uma diversidade de corpos que insistem em produzir diferença, abrindo assim possibilidades de resistência e ruptura frente à realidade política e sócio-cultural que por toda parte tenta asfixiá-los. Desconsiderar a potência produzida por eles é permanecer ao lado daqueles funcionários de uma verdade política, estes que pretendem formar a consciência crítica das massas de forma definitiva e determinante.

Como, por exemplo, aproximar o pensamento acadêmico desses corpos que resistem por meio de microfissuras no organismo-sociedade? Por que ainda temos tanta dificuldade em ler a produção das múltiplas subjetividades que se encontram nestas fissuras? Por que ainda aceitamos que o espaço da prática política deva ser determinado e legitimado por um discurso da consciência que é produto da mais nefastas manifestações do poder sobre nós?

O foco principal, o inimigo maior de *Anti-Édipo*, no olhar de Foucault, é o fascismo, não somente o que conhecemos historicamente através de Hitler ou Mussolini e que pode ter diversas formas agindo sob máscaras estatais, mas também aquele que age sobre os corpos da forma mais cotidiana. “Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo?”<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV.

<sup>7</sup> IDEM, *ibidem*.

## Resenha

Miguel Jost Ramos

Trabalhar com uma diversidade de agenciamentos que recusam formas hierarquizadas, com a multiplicação das vozes, com a produção incessante de corpos de resistência que escapam à estrutura totalizante do poder, constitui uma possibilidade de enfrentamento aos fascismos indicado por Foucault neste texto.

É necessário, porém, irmos além (o próprio Foucault nos confronta com este problema), utilizando as noções-conceitos que Guattari, Deleuze e Foucault nos fornecem como uma caixa de ferramentas para outras ações práticas e teóricas, realizando com estes autores o que eles tão bem fizeram com Marx e Freud. Realizar de fato o sumário topográfico e geológico da batalha<sup>8</sup>. Produzir o suficiente para tornar anacrônicas as cesuras realizadas no pensamento ocidental por estes autores 'pós-estruturalistas'. Ler este prefácio como condição para uma nova ação, para uma próxima teoria.

---

<sup>8</sup> In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. pp.151.